



INSTITUTO DE HUMANIDADES- (IH)

BACHARELADO EM HUMANIDADES- (BHU)

BENICIO DJÚ

**A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES GUINEENSES DA ETNIA PEPEL NA
UNILAB SOBRE O RITUAL DE KANSARÉ**

ACARAPE

2025

BENICIO DJÚ

**A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES GUINEENSES DA ETNIA PEPEL NA
UNILAB SOBRE O RITUAL DE KANSARÉ**

Projeto do Trabalho de Conclusão do curso (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do professor Dr. Professor Rafael Antunes Almeida.

ACARAPE

2025

BANCA EXAMINADOR

Prof.º Dr. Rafael Antunes Almeida (Orientador/IH UNILAB)

Universidade da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileiro, UNILAB

Prof.º Dr. Adilson Victor Oliveira (Examinador/IH UNILAB)

Universidade da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileiro, UNILAB

Prof.ºDr. Bruno Goulart Machado Silva (Examinador/IH UNILAB)

Universidade da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileiro, UNILAB

SUMÁRIO

Resumo	5
Introdução	6
Objetivo Geral	8
Objetivos Específicos.....	8
Justificativa	9
Metodologia	10
Referencial Teórico.....	11
1.1 Breve contextualização da etnia Pepel.....	11
1.2 Prática do ritual de Kansaré	13
Percepção dos Estudantes sobre o Ritual Kansaré.....	15
2.1 Memória, ancestralidade e continuidade cultural	16
2.2 Kansaré como divindade, espiritualidade e força protetora.....	16
2.3 O ritual como instituição de justiça	17
2.4 Kansaré como identidade e pertencimento	17
2.5 Tensões entre tradição e religião	18
2.6 Ausência do Kansaré nos materiais didáticos	18
3. Importância do Ritual no Processo de aquisição de poderes	19
Considerações finais	19
Cronograma	21
Referências.....	21

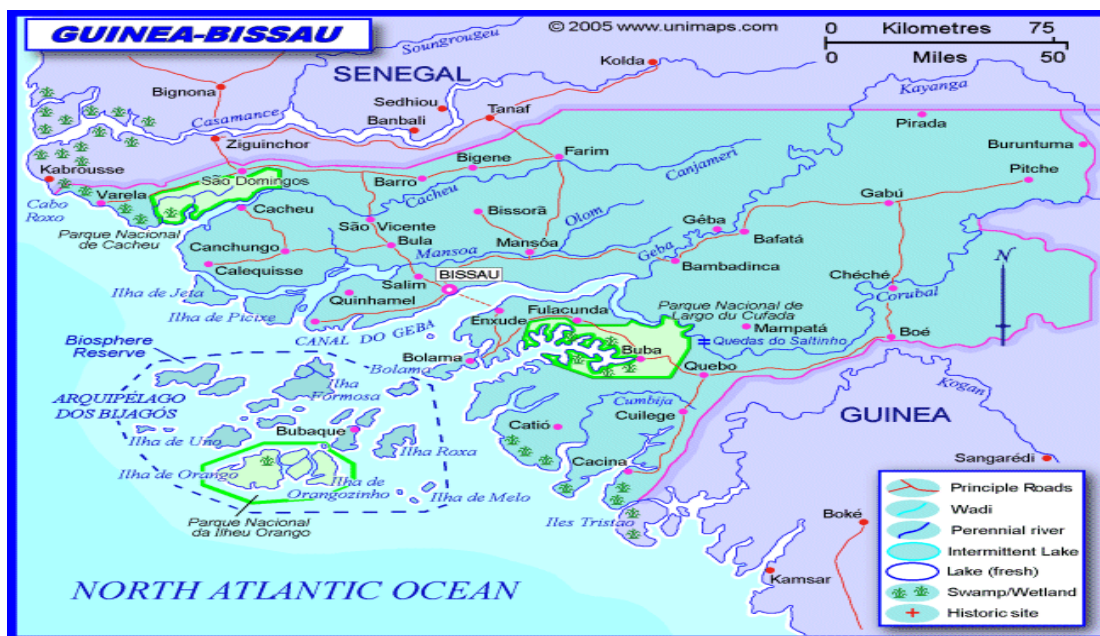
RESUMO

O presente projeto de pesquisa investiga as percepções dos estudantes guineenses da etnia Pepel, matriculados na UNILAB, acerca do ritual de Kansaré — uma prática espiritual e social central na organização cultural do povo Pepel, tradicionalmente localizado na região de Biombo, na Guiné-Bissau. O estudo busca compreender como esses estudantes, vivendo fora do território de origem, interpretam, significam e se relacionam com essa prática ancestral que envolve proteção espiritual, mediação de conflitos, manutenção da ordem social e reafirmação identitária. Diante da escassez de materiais acadêmicos sobre o Kansaré e da falta de meios para realizar pesquisa de campo na Guiné Bissau, a pesquisa se fará por meio da revisão bibliográfica e de entrevistas semiestruturadas com estudantes Pepel da UNILAB. Os objetivos centrais incluem analisar os sentidos atribuídos ao ritual pelos estudantes, descrever sua importância no contexto cultural e relacionar suas percepções às abordagens teóricas existentes. A justificativa destaca a relevância da pesquisa para a valorização das práticas culturais guineenses, o fortalecimento da identidade Pepel e o preenchimento de lacunas na literatura sobre o Kansaré. O estudo também reconhece o impacto das dinâmicas contemporâneas — migração, convivência intercultural e influências religiosas — na resignificação do ritual. Assim, o projeto pretende contribuir para a compreensão antropológica do Kansaré enquanto fenômeno cultural complexo, carregado de simbolismos, práticas sagradas, normas sociais e significados identitários que permanecem vivos mesmo no deslocamento territorial dos sujeitos Pepel.

Palavras chaves: Guiné-Bissau, kansaré, etnia pepel, rituais.

INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau fica situada na costa ocidental africana. Faz fronteira ao norte com o Senegal, a este e sudeste com a República da Guiné¹ e ao sul e oeste é banhada pelo Oceano Atlântico. Além do território continental, há ainda a parte insular que compõe os arquipélagos de Bijagós, formados por mais de 80 ilhas. A superfície total da Guiné-Bissau é de 36.125 km² e é administrativamente dividida em 08 regiões e 37 setores, incluindo o setor autônomo de Bissau.



Fonte: [Unimaps](http://www.unimaps.com)

A população total de Guiné-Bissau é de 1.781.308 habitantes da qual temos 842.267 do sexo masculino e 939.041 do sexo feminino, em que 47,6% residem na zona urbana e 58,3% residem na zona rural, com 25% da população a viver na Região Autónoma de Bissau (INE, 2023). A população da Guiné-Bissau é composta por aproximadamente trinta grupos étnicos distintos. Cada um desses grupos possui seus próprios conhecimentos e saberes tradicionais, que são transmitidos de geração em geração.

A etnia Pepel é um grupo étnico localizado na região da África Ocidental, especificamente na Guiné-Bissau. Mais de 50% da população do grupo étnico vive no interior da região de Biombo, que fica situada no norte do país. Os Pepel são conhecidos por suas habilidades em navegação, pesca e cultivo de arroz, saberes transmitidos de

¹ Ambos os países, Guiné e Senegal, foram colonizados pela França.

geração em geração. Além disso, essa etnia valoriza e preserva as tradições ancestrais e uma forte identidade cultural, expressa em seus rituais e práticas cotidianas. Durante os rituais, utilizam danças e músicas, elementos que reforçam o sentido de comunhão e espiritualidade do grupo.

O Kansaré é um ritual e também considerado uma divindade venerada pela etnia Pepel. Enquanto divindade, ela é reconhecida por proteger a *tabanca* (aldeia) e os seus habitantes contra a feitiçaria e influências negativas. Acredita-se que Kansaré possui o poder de afastar perigos espirituais e garantir a segurança da comunidade.

O Kansaré é um elemento de grande relevância para a etnia Pepel, reconhecida pelo seu poder de proteção, mediação e equilíbrio entre o mundo material e o espiritual, sendo parte essencial da preservação da cultura e da identidade desse povo.

As pessoas que trabalham diretamente com essa divindade são chamadas de *baloberos*²², consideradas detentoras de poderes espirituais e responsáveis por mediar as relações entre o mundo visível e o invisível. Isso é coerente com o que afirma Macamo (2022), para quem os Pepeis constroem seus saberes a partir da oscilação entre o mundo espiritual e a realidade social, o que revela a profunda relação entre as dimensões religiosa e comunitária na vida africana.

O ritual do Kansaré ocorre tradicionalmente nas diferentes *tabancas* da Região de Biombo e em outras localidades habitadas pelos Pepeis. Nestes ambientes, realizam-se danças, cantos, rituais e ensinamentos sobre as tradições e responsabilidades dos adultos. Participam do ritual os membros da comunidade que buscam bênçãos, proteção espiritual ou desejam alcançar a realização de determinados pedidos e promessas. Segundo Indi (2025, p.25), “o termo Kansaré também é usado para identificar um objeto sagrado que representa um deus consultor num lugar dentro de uma casinha”.

Além de seu caráter espiritual, o Kansaré também exerce uma função social importante na organização da comunidade Pepel, atuando como entidade reguladora das relações sociais e familiares. São assuntos que seguiremos desenvolvendo nos subtópicos a seguir.

Este trabalho dedica-se a compreender as percepções dos estudantes Pepel da UNILAB sobre as tradições e cultura Pepel, em especial sobre ritual de Kansaré.

Além de tentar delinear as principais características do ritual/entidade, como trabalharei com estudantes fora de seu território de origem, procurarei entender as

²² O Balobero é uma pessoa que atua como intermediário entre espíritos ancestrais e o mundo vivo.

ligações que um Pepel mantém com a sua ancestralidade e como ele lida com a proteção do Kansaré mesmo distante.

Percebe-se que muitos filhos da etnia Pepel que emigram para o exterior em busca de melhores condições de vida cumprem, antes da viagem, rituais compromissórios com as entidades protetoras da família ou da *tabanca*, pedindo-lhes proteção e sucesso em seus objetivos. Em determinado momento, o indivíduo deve retornar à comunidade para cumprir as promessas feitas, o que é feito por meio de oferendas e sacrifícios de animais. Considerando este fato, vimos que, houve uma necessidade de procurar saber junto dos estudantes pepel, como ocorrem essas ligações.

Como afirma Carvalho (2001, p. 286), “estas ofertas revestem a forma de pagamentos de promessas realizadas aos espíritos autóctones e decorrem da relação contratual estabelecida pelos viajantes nos altares locais”. Em alguns casos, quando o indivíduo demora a retornar, a entidade com a qual ele se comprometeu manifesta sinais — como doenças ou dificuldades no trabalho — a fim de lembrá-lo do cumprimento de suas promessas.

OBJETIVO GERAL

Analisar o ritual Kansaré da etnia Pepel por meio das percepções de estudantes guineenses da UNILAB.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Investigar os sentidos e interpretações atribuídos pelos estudantes Pepel ao ritual de Kansaré.
2. Descrever como os estudantes compreendem a presença, a função e a importância do ritual de Kansaré em seu contexto cultural.
3. Relacionar as percepções dos participantes com abordagens teóricas e bibliográficas sobre o ritual de Kansaré e outras manifestações culturais guineenses.

JUSTIFICATIVA

O ritual de Kansaré é uma manifestação cultural vital para a etnia Pepel, desempenhando um papel essencial na preservação da identidade cultural e na coesão social da comunidade pepel.

O acesso ao ensino superior obriga a maioria dos jovens guineenses a deixar para trás a convivência com familiares e costumes, a fim de enfrentar uma nova realidade. Contudo, eles carregam consigo uma bagagem de conhecimentos sobre a cultura e as tradições dos seus respectivos grupos étnicos..

Na etnia Pepel, à qual pertença desde o nascimento, o indivíduo cresce aprendendo sobre os valores e tradições que orientam o seio familiar e étnico, pois esses conhecimentos são transmitidos de geração em geração, dos mais velhos, para os mais novos. Em alguns casos, o indivíduo é obrigado a cumprir certos rituais para poder adquirir conhecimentos específicos.

De acordo com Turner (1974), algumas responsabilidades atribuídas nas sociedades contêm algumas qualidades sagradas. Turner mostra que algumas posições sociais assumidas em processos iniciatórios de certa forma estão acompanhadas de características sagradas. Nesses ritos os indivíduos passam por transições antes de serem designados para assumir uma função na sociedade. Kansaré como um ritual e entidade que carrega muitos significados e símbolos sagrados, atua como protetor das aldeias e as pessoas que nele depositam sua fé.

Nas histórias que circulam, o Kansaré, da etnia Pepel, pertence aos *djagras*³³, mas tem sua origem na etnia Mandjaco. Os *djagras* Pepel foram à procura de Kansaré na terra dos Mandjacos, devido a inúmeros problemas sociais que os pepéis da região de Biombo estavam deparando na altura, como por exemplo, feitiçaria, roubo entre outros. Assim, viram um potencial na kansaré e acreditam que este poderia servir como algo que ajudaria na resolução dos problemas. Para deslocar o kansaré é necessário contar com uma delegação de pessoas dotadas de certos poderes divinos. Essas pessoas são responsáveis pela construção da *tumba*, e todo esse processo ocorre em um local secreto, inacessível ao público.

As punições ocorrem quando há o descumprimento das normas e padrões estabelecidos pela comunidade e elas são aplicadas pelo balobero responsável de Kansaé, como consequências da infração cometida pelo indivíduo, levando em conta a gravidade e a repetição dos atos infratores. Também é tradição que quando uma mulher está tendo dificuldades de gerar os filhos, o marido e os familiares recorrem ao ancião responsável do Kansaré a fim de fazer chegar as suas preocupações junto à entidade máxima. E assim que nascer a criança, a mãe é obrigada a levá-la ao Kansaré, com o

³ Djagras é um dos sete clãs de linhagens da etnia pepel. Este clã é considerado o detentor de poder.

intuito de informá-lo da sua nascerça, para que possa também protegê-la. Só a partir desse momento é que a mãe da criança poderá colocá-la nas costas com o *bambaram* (pano).

O motivo da realização desta pesquisa sustenta-se no meu pertencimento a este grupo étnico. Como membro da etnia pepel, desde pequeno comecei a participar dos rituais que fazem parte da minha tradição, entre os quais o Kansaré ocupa um lugar sagrado, e do qual participei e posso falar com propriedade. Após ingressar na UNILAB, no curso de Antropologia, e cursar disciplinas que abordam reflexões sobre os povos africanos, suas lutas e conquistas, despertei para uma profunda reflexão sobre a minha identidade. Essa vivência me impulsionou a desenvolver um estudo sobre algo com o qual me identifico — algo que não pertence apenas a mim, mas que carrega a identidade do meu povo.

A entrevista com os estudantes nos ajudará a compreender como eles lidam com a prática cultural do Kansaré fora do território pepel, além de servir como um meio de compreensão de um elemento central da cultura dessa etnia. Sendo assim, este trabalho possui relevância acadêmica, pois será de grande importância para a comunidade unilabiana e para futuros pesquisadores, contribuindo para uma melhor compreensão sobre a prática do Kansaré na cultura Pepel.

Por outro lado, este estudo também contribuirá para a sociedade guineense, especialmente para os jovens, incentivando-os a valorizar mais as práticas culturais de suas etnias — em especial as da etnia pepel, pois servirá como um acréscimo na transmissão de conhecimento deste ritual, oferecendo novas oportunidades que vão colmatar algumas lacunas na literatura e facilitarão na compreensão de prática. Além disso, pode servir como um estímulo para a juventude pepel e para a sociedade em geral, promovendo o reconhecimento e a valorização dos saberes e práticas culturais dessa etnia.

METODOLOGIA

Conforme já indiquei anteriormente, o presente projeto tem como objetivo analisar o ritual de Kansaré, praticado pela etnia Pepel, a partir das percepções de estudantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Para alcançar esse objetivo, o estudo será desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e de entrevistas semiestruturadas. De acordo com Gil (2007), a pesquisa

documental baseia-se na investigação de materiais já existentes sobre o tema. Assim, serão utilizados livros, artigos científicos e outros documentos acadêmicos, com o intuito de subsidiar a análise e a discussão dos resultados. O acesso a esses materiais será realizado por meio do Google Acadêmico, do acervo da UNILAB e da base de dados SciELO.

Já no que diz respeito à parte empírica, o método de pesquisa adotado será o qualitativo.

Pretende-se realizar uma pesquisa de campo na UNILAB envolvendo dez discentes da etnia Pepel, sendo cinco mulheres e cinco homens. As entrevistas seguirão o formato semiestruturado, o que, segundo Boni e Quaresma (2005), permite a utilização de perguntas abertas e fechadas, possibilitando ao participante expressar livremente suas ideias e percepções sobre o tema.

Para o desenvolvimento das entrevistas, será elaborado um roteiro semiestruturado com questões que visam aprofundar o entendimento das percepções dos estudantes sobre o ritual de Kansaré. De acordo com Blaser et al. (2010), a trajetória de vida de uma pessoa está diretamente relacionada aos fatos sociais que a cercam, o que nos permite refletir sobre como as experiências individuais e coletivas podem influenciar a forma como as práticas culturais são compreendidas e vivenciadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Breve contextualização da etnia pepel

Existem diferentes explicações que sustentam a origem do povo pepel. Algumas teorias mostram que os pepel provêm de Ghana, enquanto outros os conectam com as etnias mandjaku e mancanhi.

Diante disso, tentaremos apresentar algumas explicações sobre o nome "pepel", que tem uma origem relacionada ao seu espírito revolucionário e de resistência ao império colonial português, que invadiu a ilha de Bissau durante o período colonial. Segundo Semedo (2010), nos períodos finais do século XIX, os pepeis dominavam e controlavam Bissau. Os portugueses pagavam uma taxa aos régulos locais, mas com o tempo as coisas mudaram e começou a dominação portuguesa, o que levou os pepeis a serem obrigados a pagar impostos de palhota (per capita). Contudo, com seu espírito revolucionário, nunca aceitaram pagar tais impostos e, quando recebiam o papel de pagamento, dirigiam-se aos estabelecimentos administrativos com o papel na mão para

reclamar da cobrança, alegando que eram donos do território e, portanto, não deveriam pagar impostos.

Por estarem constantemente reclamando sobre o não pagamento da contribuição, as autoridades portuguesas, já acostumadas com a situação, começaram a dizer, sempre que os viam de longe: "Os homens de papel estão a vir". Foi assim que o nome da etnia passou a ser chamado "*Papel*", que com o tempo sofreu alteração para "*Pepel*".

Falando sobre o surgimento da etnia pepel, como já mencionado, o tema tem gerado discordância entre os autores. De acordo com Nanque (2016), essa falta de clareza sobre a origem da etnia pepel se deve à escassez de trabalhos acadêmicos que tratem do assunto de forma mais detalhada. A maioria dos estudos realizados sobre esse tema baseou-se em fontes orais, contudo, essas fontes orais podem ser também válidas e importantes. Essa ideia é sustentada também por Campos (2013), que afirma que nas informações obtidas sobre a etnia pepel, pouco se fala sobre sua origem, o que fez com que muitos dos estudos realizados sobre o assunto se apoiassem na tradição oral.

No meio dessa falta de clareza, a origem da etnia pepel ainda está para ser investigada. À medida que nos aprofundamos nas informações que procuram explicar essa historiografia, mais teorias encontramos. No entanto, Nanque (2016) levantou duas hipóteses que supostamente explicam a origem do povo pepel, sendo uma delas a mais considerada pelos pesquisadores.

Nanque (2016) explica que a primeira hipótese refere-se ao surgimento da etnia pepel a partir do grupo bantu, devido às várias características em comum nas práticas tradicionais e alguns costumes, com exceção da língua.

A segunda hipótese sugere que a origem da etnia pepel está relacionada com as etnias mancanhi e mandjaku, também da Guiné-Bissau, pois essas três etnias compartilham semelhanças linguísticas, religiosas e culturais. Essa última hipótese foi a mais aceita e compartilhada entre os autores, sendo, portanto, a versão mais contada e preferida pelos pesquisadores.

Cá (2016) afirma que a etnia pepel tem a maior proximidade com as etnias mancanhi e mandjaku, considerando-as como um único grupo que, posteriormente, teria se dividido devido às consequências da invasão colonial.

Como já foi mencionada, a história da origem da etnia pepel é muito controversa. Portanto, dificilmente chegaremos a um consenso sobre essa questão neste trabalho, pois são estudos que merecem mais aprofundamento. Vale lembrar que o povo pepel tem uma ligação forte com a oralidade, e seus segredos e tradições não são

revelados a qualquer pessoa. De acordo com Indi (2025), o povo pepel é tradicional e, com base nisso, seus preceitos são guardados e conservados pelos ancestrais.

Em termos de localização da etnia Pepel, a região de Biombo faz parte das oito regiões que compõem o território da Guiné-Bissau, além do setor autônomo de Bissau. Segundo Indi (2025), a região de Biombo está situada na província norte do país e é composta por três setores administrativos: Prabis, Safim e Quinhamel, que contam com diversas secções e tabancas. Quinhamel é considerada a capital da região.

Colaborando com Indi (2025) a geografia da região de Biombo é composta da seguinte forma:

A região de Biombo tem como capital Quinhamel. Faz fronteira com capital Bissau no solo e nas águas faz fronteira com arquipélago de Bijagós, rio manso situado a (oeste), canal imperial (leste), estuário de Geba (sul), rio ondoto (sudoeste). Com uma superfície de 111 hab. / km. Sua população estima aproximadamente 93.039 (INEP, 2019), que resulta em 6, 42% da população do país. A região possui uma história ligada intrinsecamente e compartilhada com a ilha de Bissau. De acordo com a classificação climática de koppen-Griger (2024), a região de Biombo tem um clima tropical de savana e convergência tropical e também é abalada sob influência de monção quente e húmido do oceano atlântico. A região é húmida, isto é, com humidade relativa do ar compreendida entre 75 e 90%. Não obstante, Biombo possui extensas áreas mangais, áreas ricas em crustáceos e ostras, boas paisagens, praias, florestas, palma e as savanas. (p.20).

A etnia pepel é um grupo étnico com estrutura matrilinear dividido em sete *djorson*⁴ tendo como djagras os donos de poder. Como explica Indi (2025), a organização sociopolítica da etnia pepel é exercida através de regime absolutista, onde a sucessão dinástica ocorre através da família real djagras, com o privilégio de nobres.

1.2 Prática do ritual de Kansaré

A etnia Pepel é conhecida pelas suas ricas manifestações cultural, composta por rituais e tradições que trazem reflexão sobre sua história e demonstram sua organização social. Além de Kansaré, destacam-se várias outras práticas rituais, como fanado (plekê), casamento tradicional (kmar), ritos funerários (pkex), entre outras. Vale a pena salientar que todas essas manifestações culturais e ritualísticas, na maioria das vezes, são acompanhadas por canções e danças. Essas canções carregam uma mensagem profunda e conectam o mundo vivo com a espiritualidade ancestral.

⁴ Djorsons são clãs de linhagem da etnia pepel.

Outro aspecto, se não o mais importante, nas manifestações culturais e nos rituais, é a língua. Segundo Vansina (2010, p. 139-140), “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais”. A língua falada pelo povo Pepel chama-se Pepel (oyum). Ela é falada em toda a região e conta com variedades linguísticas que permitem identificar e situar os seus falantes por meio de sotaques e pronúncias distintas.

A língua carrega em si os valores que são transmitidos através da oralidade, segundo Lima (2023), é na língua que uma sociedade tradicional guarda todos os seus segredos, ensinamentos e sabedorias ancestrais. Ela funciona como um elemento preservador da tradição e da identidade e dos conhecimentos que são passados de geração para geração.

Já sobre o Kansaré, vale dizer que, ele é o elemento consagrador e protetor, que atua como mediador na comunidade e que participa de forma direta ou indireta da vida dos Pepeis. Lembrando que, como mencionamos anteriormente, a maioria dos Pepeis que saem para o exterior, procuram as entidades para renovar suas ligações ou fazer pedidos a diferentes entidades protetoras. Sendo assim, vimos a necessidade de investigar esse assunto com os estudantes Pepel da Unilab, questão que prometemos desenvolver nos tópicos a seguir.

Kansaré, como entidade protetora, atua em diferentes assuntos na comunidade. Sua ação, no entanto, depende da natureza do assunto no qual foi acionado. Por exemplo, na resolução de problemas de reinança⁵ conflitos sociais, entre outros. Ele atua como mediador, com a intenção de sanar o conflito, encontrando soluções que possam contribuir de uma forma significativa para uma convivência mais eficaz e duradoura na comunidade.

Quando um indivíduo é acusado de feitiçaria e resiste a tais acusações, recorre-se ao Kansaré como forma de provar se as acusações são realmente verdadeiras ou não. Ao chegar no local, o acusado/a é submetido a uma prova, sendo obrigado a beber a água de um recipiente sagrado. Há também as possibilidades de deslocar o kansaré até junto da tabanca. De acordo com Pires;

Os testes espirituais, que constituem meios utilizados para provar a prática de um crime, consistem em: sacrifícios de animais, como galinhas ou cabras; a pessoa jura sua inocência perante o Kansaré, caso seja culpada, esta

⁵ Reinança de bens ou tabanca por legitimidade

divindade o castigará; segurar uma panela, que representa o espírito. Se a pessoa for culpada pode até morrer (PIRES, 2019, p.63).

Todo o processo é conduzido por um balobero que possui autoridade e poder para exercer tais funções. Depois de beber a água, o acusado/a deve aguardar por alguns instantes para observar sua reação. Caso, ao fim do tempo de espera, o acusado/a não tenha apresentado algumas reações estranhas (perda de concentração e controle emocional), isso significa que ele está livre da acusação. Caso contrário, se as acusações forem verdadeiras, o acusado/a começará a ter um comportamento estranho, e muitas das vezes acaba confessando os crimes cometidos com a sua feitiçaria.

As sanções e punições são dadas de acordo com a gravidade do caso. O culpado/a é obrigado a cumprir certos sacrifícios para se livrar de possíveis consequências mais graves.

Vale ressaltar que a água dada ao acusado/a para beber não é uma simples água comum; a tradição da etnia Pepel envolve vários elementos sagrados que um morador comum da comunidade ou pessoa singular não pode conhecer. Segundo (Jamin, 1977), o segredo tem um papel fundamental e serve como marcador que diferencia os membros do grupo. É aqui que entra a importância do indivíduo passar por certos ritos de passagem antes de assumir um cargo.

2 PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE O RITUAL KANSARÉ

Devido à escassez de materiais acadêmicos e de referências sistematizadas sobre o ritual de Kansaré — especialmente em fontes acessíveis — este projeto de pesquisa assumiu um caráter exploratório, recorrendo a informações obtidas por meio de conversas informais com estudantes guineenses da etnia Pepel. Essas interações espontâneas, realizadas em momentos de convivência, trocas acadêmicas e diálogos cotidianos, forneceram elementos fundamentais para a montagem do projeto, que envolve as memórias e as percepções sobre o ritual de Kansaré.

As narrativas revelam que o Kansaré não se limita a uma prática religiosa, mas constitui um sistema cultural carregado de símbolos, normas e funções sociais que sustentam a vida comunitária. Para compreender essa complexidade, recorreu-se a autores que analisam a importância das práticas culturais nos processos de manutenção da identidade e da coesão social.

2.1 Memória, ancestralidade e continuidade cultural

As conversas informais com os estudantes indicam que as primeiras memórias sobre o Kansaré estão associadas ao convívio familiar nas aldeias: “*as memórias que eu tenho sobre Kansaré remontam à fase em que eu era criança [...] durante os períodos de férias eu via essas manifestações*”. Essa memória afetiva reforça a ideia de que o ritual não é um evento isolado, mas um elemento constitutivo da história pessoal e coletiva.

Segundo Vansina (2010), a memória oral e as práticas rituais são formas essenciais de transmissão histórica nas sociedades africanas. A repetição do ritual ao longo das gerações garante continuidade cultural e reforça o sentimento de pertencimento. Nestas conversas de caráter exploratório, observa-se que o Kansaré não era vivenciado como algo distante, mas como parte integrante do cotidiano da família ampliada, o que evidencia a centralidade da convivência intergeracional na preservação das tradições.

Essa compreensão dialoga com Nanque (2016), quando afirma que os rituais estruturam a relação entre jovens e anciãos na Guiné-Bissau. Além disso, a recorrência da lembrança do ritual associada ao espaço da aldeia revela o papel do território na construção das identidades. Para Indi, Oquete et al. (2025), entre o povo Pepel o território é mais do que um espaço físico: é um lugar de memória, espiritualidade e sacralidade. Assim, os relatos reforçam que o Kansaré é inseparável do espaço comunitário onde ocorre.

2.2 Kansaré como divindade, espiritualidade e força protetora.

As falas evidenciam uma dimensão cosmológica que ultrapassa a materialidade do ritual. Para os estudantes, o Kansaré não é apenas um símbolo cultural, mas uma entidade viva que age no mundo e intervém nas relações humanas e protege a comunidade de perigos espirituais e sociais.

Essa compreensão é analisada por Diop (apud Vidal, 2023), que argumenta que as divindades africanas, diferentemente das concepções ocidentais, fazem parte do cotidiano das comunidades, influenciando a vida social, a moral e as decisões coletivas. A figura de Kansaré como protetor, juiz e guardião da ordem comunitária, expressa essa integração entre o espiritual e o social.

Como afirmou um dos estudantes em conversa informal para a montagem deste projeto: *“Tenho a percepção de que Kansaré é uma divindade [...] cujo poder é infinito. É ele quem se encarrega da proteção da comunidade. Kansaré é um deus da etnia Pepel, que faz a justiça e cuida da comunidade.”*

Semedo (2010) destaca que as divindades guineenses são dotadas de funções específicas, muitas vezes relacionadas à ordem moral. Assim, quando os estudantes afirmam que Kansaré identifica infratores, descobre práticas de feitiçaria ou restaura a paz, apontam para uma instituição religiosa que atua como reguladora das condutas. Essa função é exercida por poucas pessoas, o que reforça a hierarquia espiritual dentro da etnia Pepel — aspecto também analisado por Carvalho (2001).

2.3 O ritual como instituição de justiça e mediação social

As conversas revelam que o Kansaré desempenha também o papel de instituição jurídica tradicional, responsável por estabelecer a ordem interna e garantir a justiça comunitária. Essa dimensão dialoga com análise de Indi, Oquete et al. (2025), que examinam os mecanismos de mediação cultural e resolução de conflitos entre os Pepel, demonstrando que o ritual integra um sistema de justiça baseado em normas internas, hierarquia e autoridade espiritual.

Ukiwo (1987) complementa essa compreensão ao explicar que, em diversas sociedades africanas, rituais e instituições espirituais funcionam como tribunais tradicionais, avaliando conflitos segundo as normas da comunidade e promovendo coesão social. Assim, o Kansaré surge não apenas como divindade, mas como instância reguladora de comportamentos e restauradora de equilíbrio social.

2.4 Kansaré como identidade, pertencimento e organização comunitária.

O Kansaré é entendido como elemento de unidade entre os Pepel. Nas conversas de caráter exploratório para a montagem deste projeto, destacou-se que *“Kansaré é uma cerimônia ancestral que congrega as sete linhagens da etnia Pepel [...] cada tabanca tem sua casa de Kansaré”*. O ritual, portanto, possui dimensão espiritual e organizacional, reunindo linhagens, famílias e representantes comunitários.

Carvalho (2001) afirma que os rituais guineenses funcionam como dispositivos de organização social, regulando relações entre linhagens, controlando comportamentos e reforçando a identidade coletiva. A presença dos baloberos, dos líderes locais e das

casas de Kansaré indica a existência de um sistema social complexo estruturado em torno do ritual.

Além da proteção contra espíritos malignos, o Kansaré fortalece a identidade por meio de danças, cânticos e vestimentas específicas. Essa relação entre ritualidade, corpo e estética é discutida por Oyèrónké (2018), que argumenta que as culturas africanas produzem conhecimento e significado através do corpo e da performance, não apenas pela escrita, como pressupõe a lógica ocidental.

2.5 Tensões entre tradição, religião e convivência intercultural.

Com a chegada dos colonizadores portugueses à Guiné-Bissau, a religião católica passou a influenciar significativamente o abandono de práticas culturais tradicionais. Após a independência, esse processo se intensificou, levando muitas famílias a se afastarem do ritual de Kansaré e, conseqüentemente, seus filhos a crescerem sem contato com esse conhecimento. Uma das pessoas consultadas relatou: *“não vi ninguém da minha família participar, porque cresci numa família cristã.”*

Essas experiências revelam tensões entre a tradição ancestral e a inserção em contextos religiosos ocidentais — dinâmica amplamente analisada por Nanque (2016), que discute como a colonização e as religiões introduzidas provocaram rupturas e ressignificações nas práticas africanas.

Por outro lado, no contexto intercultural da UNILAB, alguns estudantes, em conversas de caráter exploratório, afirmaram ter passado a compreender o ritual também em sua dimensão artística, especialmente por meio das apresentações do grupo Firkidja de Nô Kampada, um grupo cultural de teatro, arte e poesia composta por estudantes guineenses na UNILAB. Essa experiência evidencia que o ambiente intercultural pode gerar ressignificações positivas. Conforme Santos (2006), as culturas se transformam nas fronteiras, permitindo atribuir novos significados às práticas sem perder sua essência.

2.6 Ausência do Kansaré nos materiais didáticos e o apagamento do conhecimento africano

Durante as conversas exploratórias, a maioria dos estudantes afirmou nunca ter encontrado informações sobre o Kansaré em livros escolares ou materiais didáticos. Esse apagamento reflete o que Oyèrónké (2018) denomina colonização do conhecimento: a

desvalorização de saberes africanos por não se enquadrarem nos modelos ocidentais de registro.

Oliveira (2018) argumenta que o currículo guineense historicamente negligencia práticas culturais locais, priorizando narrativas eurocêntricas. Assim, o desconhecimento escolar sobre o Kansaré não é acidental, mas parte de um processo mais amplo de marginalização dos conhecimentos tradicionais — dinâmica também analisada por Indi, Oquete et al. (2025) no que diz respeito às políticas públicas e ao ensino formal.

3 IMPORTÂNCIA DO RITUAL NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE PODERES.

Discutirei brevemente aqui o processo de aquisição de poder ou de autoridade para um indivíduo atuar como um responsável da comunidade ou de uma entidade na comunidade pepel. Esse processo pode ser lido à luz das três fases de classificação dos ritos explicados por Turner (1974: a primeira fase se refere à separação do indivíduo da sua comunidade atual, deixando os seus status e funções sociais para trás; na fase limiar o indivíduo se encontra suspenso, no estado ambíguo; por último, na fase de incorporação, onde o indivíduo volta a ser reintegrado na sociedade com novo status sociais.

Portanto, essas categorias também se verificam no processo de atribuição das funções sagradas na etnia pepel. Como exemplo, um *balobero* de kansaré, tem que passar por vários estágios do sagrado antes de ser nomeado para tal. Vale dizer que todo esse processo é acompanhado pela língua pepel, que funciona como um elo fundamental na ligação e comunicação durante o processo de realização dos rituais. Como acrescenta Vansina (2010), a sociedade onde a oralidade é meio de comunicação, a fala, além de servir como um meio de comunicação, também serve para preservar os conhecimentos ancestrais. Portanto, destaco a língua pepel aqui como um elemento fundamental na reafirmação da identidade pepel. Logo, dificilmente se usam outras línguas nas realizações das cerimônias sagradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, quero destacar que a busca por compreender como os estudantes percebem o kansaré no contexto em que eles atualmente se encontram servirá para refletir sobre vivências de ritual de kansaré, de forma como ele é entendido antes e

agora, e os significados atribuídos a ele. Como futuro antropólogo, pretendo aplicar as recomendações científicas exigidas na elaboração de um trabalho de campo, procurando assim manter um distanciamento científico a fim de dar credibilidade ao meu trabalho, porém, como membro da etnia pepel, poderia ter um pequeno envolvimento emocional ao escutar os relatos dos entrevistados.

Importa dizer que os estudantes que serão entrevistados vêm de diferentes percursos, com vivências e experiências são únicas. Procurarei dar relevo a essas diferenças.

Eu já tinha um entendimento do ritual e sobre o kansaré em si, mas durante o período de elaboração deste projeto, me deparei com algumas questões que de certa forma ajudarão mais na reflexão sobre o valor que eu atribuía ao kansaré e a forma como o seu significado poderia ganhar outra dinâmica.

Também durante a fase exploratória para compor este projeto, pude entender que o sentimento de pertencimento é um dos marcadores do povo pepel, onde o sagrado (lugar, objeto, crença) é um elemento fundamental que cria uma forte conexão entre o mundo vivo e as suas ancestralidades. A vitalidade que kansaré representa para o povo pepel serve para manter essa ligação, mesmo distante e num ambiente acadêmico que congrega uma diversidade cultural dos diferentes povos.

Portanto, assim, falar do kansaré é como se eu estivesse vivendo o passado no presente, onde as memórias trazem de volta toda a minha experiência e ativam minha conexão com os meus ancestrais.

Considero que, esse exercício acadêmico serve como um marco para mim, como futuro antropólogo, e serviu como uma forma de reafirmar a minha identidade como pepel e também me proporcionou uma reconexão com as minhas raízes.

Kansaré é mais que uma tradição, ela é a renovação espiritual, onde a sua celebração é uma forma de purificação das almas dos membros da comunidade, fortalecendo a harmonia entre eles. Os rituais são feitos para garantir uma renovação de vínculos com os ancestrais e têm um forte poder de reativar a confiança das pessoas com o que elas consideram sagrado.

A minha percepção sobre ritual terá uma influência significativa na forma como eu vou interpretar os relatos dos estudantes, e o fato de eu ser um observador acadêmico, e conseqüentemente, um membro da etnia e integrante da comunidade, facilitarão muito na compreensão do ritual kansaré.

CRONOGRAMA

Calendário para atividades	Primeiro Semestre	Segundo semestre	Terceiro semestre	Quarto semestre	Quinto semestre ou	Sexto semestre
Revisão Bibliográfica	X					
Análise e Discursão teórica		X				
Fichamento bibliografias e recolha dos dados			X			
Elaboração do TCC				X		
Revisão da redação					X	
Apresentação do trabalho						X

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard S. A epistemologia da pesquisa qualitativa. Revista de Estudos Empíricos em Direito, v. 1, n. 2, 2014.

BLASER, Thomas et al. “Raça”, ressentimento e racismo: transformações na África do Sul. Cadernos Pagu, v. 35, p. 111-137, 2010.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./nov. 2025.

CÁ, Edneusa Diamantino. Casamento da etnia Papel na Guiné-Bissau. 2016. 46 f. Monografia (Graduação) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

CAMPOS, Américo. História da Cidade de Bissau (até 1915). Rebordosa, 2013.

CARVALHO, Clara. De Paris a Jeta, de Jeta a Paris: percursos migratórios e ritos terapêuticos entre França e Guiné-Bissau. Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 5, n. 2, p. 285-302, 2001.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, v. 4, 2008.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

INDI, Nicandro Oquete et al. Mediações culturais a partir de instrumentos internacionais de direitos humanos: caso de conflitos da posse de terra do povo Pepel na região de Biombo/Guiné-Bissau. 2025.

JAMIN, Jean. Les Lois du Silence: Essai sur la Fonction Sociale du Secret. Paris: Maspero, 1977.

LIMA, João Silvano Fernandes. Estudo da identidade guineense: caso dos pepéis. 2023.

NANQUE, Neemias António. Revoltas e resistências dos Papéis da Guiné-Bissau contra o Colonialismo Português (1886-1915). 2016. 82 f. Monografia (Graduação) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

OLIVEIRA, Fernanda Chamarelli de. O matriarcado e o lugar social da mulher em África: uma abordagem afrocentrada a partir de intelectuais africanos. Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, v. 3, n. 6, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4424>.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Divinizando o conhecimento: a questão do homem em Ifá. Tradução de Aline Matos da Rocha. Universidade Federal de Goiás, 2018. Disponível em: <https://goo.gl/kE6MuQ>.

PIRES, Inaida António. Onkonte pu aka epro banha? Ou Por que a barriga pede tanto?: estudando sistema(s) de casamento (kumar) na etnia Pepel da Guiné-Bissau. 2019. 114 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1993 (editado em 1994).

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura. 2010. 451 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SemedoMO_1.pdf. Acesso em: 16 nov. 2025.

UKIWO, Ukoha. Etnicidade e cidadania na África: algumas reflexões. In: LAUER, Helen; ANYIDOHO, Kofi (org.). O Resgate das Ciências Humanas e das Humanidades através de Perspectivas Africanas. Brasília: FUNAG, 2016. p. 1985-2003.

VANSINA, Jan. A tradição oral e a sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). História Geral da África, I: Metodologia e Pré-História da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 139-146.

VIDAL, Artur Felipe. Função da arte na espiritualidade africana. TikTok, 5 min. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMYET5Dme/>. Acesso em: 6 maio 2023.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura.** Petrópolis: Editora Vozes, 1974.